

QUANDO O MEDO DA MORTE INVADE A VIDA: O CHORO DAS ALMAS COMO MAU PRESSÁGIO NO INTERIOR DO CEARÁ

FRANCISCA EUDÉSIA NOBRE BEZERRA*

Ao longo da história da humanidade homens e mulheres compartilharam do sentimento de medo diante de alguma ameaça. Cada época, com seus motivos, desencadeou ondas de temor em comunidades, sociedades, civilizações e no indivíduo em particular, pois o homem é por natureza um ser que cultiva o medo, e este o acompanhará por toda sua existência. Se olharmos panoramicamente para a história da humanidade, veremos que as guerras, as epidemias, a fome, a violência, dentre outros, provocaram grandes ondas de medos coletivos. Para o historiador Jean Delumeau (2009) quando o medo é coletivo tem um significado menos rigoroso e mais amplo que o medo individual, pois desencadeia uma série de emoções oriundas do terror, esse medo é entendido como o hábito que um grupo tem de temer alguma ameaça, real ou imaginária¹.

Qual seria, portanto, a origem do medo que atormenta a humanidade desde tempos remotos? O que ameaçaria o homem a ponto de ser conduzido ao extremo do temor? A resposta a essas indagações resumem-se apenas na aniquilação da vida, ou seja, a previsão da morte, pois o homem, ao contrário dos outros animais, tem consciência de sua finitude, portanto é o único no mundo a conhecer o medo no seu mais alto nível, e neste caso a morte passa a ser um “problema” para os vivos (ELIAS, 2001). Nesse sentido não é necessário muito esforço do historiador para identificar a presença do medo, em qualquer tempo ou espaço na história da humanidade e nos mais diferentes setores da existência cotidiana. (DELUMEAU, 2009).

* Mestranda em História e Culturas pelo Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) – Universidade Estadual do Ceará. Sob a orientação do Professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá. Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

¹ No trabalho em questão o autor se dedica a estudar o medo nas suas várias dimensões, nos fornecendo um panorama da experiência da sociedade ocidental com esse sentimento.

O filósofo Arthur Schopenhauer, (2001) afirma que a morte é a musa da filosofia, pois sem ela seria difícil que o homem tivesse filosofado, neste sentido recorreremos ao pensamento de Schopenhauer para refletirmos sobre o assunto:

Se o que faz a morte nos parecer tão assustadora fosse a idéia do não-ser, então deveríamos experimentar o mesmo temor diante do tempo que ainda não éramos. Pois é incontestável que o não-ser do depois da morte não pode ser diferente daquele anterior ao nascimento; ele não merece, portanto, ser mais lamentado. Toda uma infinidade de tempo flui quando ainda não éramos, mas isso não nos aflige de modo algum. Mas ao contrário, o fato de que após o intermédio momentâneo de uma existência efêmera uma segunda infinidade de tempo deva se seguir, na qual não seremos mais, para nós parece uma dura e até mesmo intolerável condição. (2001: 27)

Para o filósofo esse medo do *não ser* não faz sentido, pois ocorre a morte da consciência, assim como ela não existia antes do nascer da vida, quando ainda não éramos. No entanto a existência de um *não ser* antes da vida perde o sentido exatamente pela falta da consciência, pois essa se manifesta apenas com o nascimento e desenvolvimento do ser humano. Durante essa existência efêmera é que homens e mulheres desenvolvem culturalmente, vivendo em sociedade, um pensamento sobre o viver, o morrer, e todas as questões relacionadas a essas duas dimensões da existência humana. Nasce desse entendimento todos os sistemas de crenças, superstições, ideias etc, sobre a vida, a morte e o pós morte, nesse sentido é que o próprio filósofo afirma que “é, em especial, entorno desse fim que se dirigem todos os sistemas religiosos e filosóficos, que são, portanto, como que o antídoto que a razão, por força de suas reflexões, fornece contra a certeza da morte” (SCHOPENHAUER, 2001: 23)

Uma dessas crenças, talvez a mais antiga e importante para nossas reflexões, é a da imortalidade da alma e da existência de uma vida após a morte, que sofre variações de acordo com o sistema religioso e cultural das sociedades ao longo do tempo e dos vários espaços percorridos pela humanidade no decorrer da sua história. Por conta disso, é que o ocidente cristão, sobretudo a religião católica, definiu locais de destino para as almas - céu, purgatório e inferno - de acordo com a conduta em vida, sendo que o purgatório sofre variações de acordo com cada época. (VOVELLE, 2010)

O historiador Phillipe Ariès (2003) se dedicou por um bom tempo a estudar as atitudes diante da morte no Ocidente, desde a Idade Média até o século XX, ressaltando todo o sistema de crenças a partir de uma postura religiosa de aproximação com a morte (morte domada) durante a Idade Média, até a atitude de total negação por parte da sociedade (morte selvagem) na contemporaneidade, destacando que como muitos outros fatos de mentalidade, situados em um longo período de tempo, as atitudes diante da morte parecem quase imóveis através das gerações.

Diante do exposto refletiremos sobre a experiência da comunidade de Oiticica, distrito do município de Ibaretama, sertões do Ceará, com as manifestações da morte no período da segunda metade do século XX. Na citada comunidade a morte se fazia anunciar através de uma crença denominada por “Maldizença” ou “Choro”, que seria um mau presságio que anunciava a morte, em geral violenta. Se caracterizando como sendo gritos, choros, vozes, lamentos que ecoavam no ar penetrando na audição das pessoas despertando o medo e a angústia.

Neste trabalho nos utilizamos primordialmente da memória como fonte e da História Oral como metodologia. Para nosso objetivo o uso dessa metodologia se fez necessário, por existir toda uma tradição oral no meio social no qual esses sujeitos estão inseridos, fornecendo os elementos necessários para análise da subjetividade, que é a essência da memória, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual (PORTELLI, 2005). Proporcionar ao entrevistado um encontro com seu passado é ter a oportunidade de presenciar o despertar da lembrança, trazendo consigo toda carga de emoções e sentimentos que estiveram presentes em alguns momentos de suas vidas, nos fazendo distingui-los através da fala, do silêncio, do olhar, do gesto, do sorriso, da lágrima, enfim das expressões que esse passado impunha. A experiência de uma pessoa a torna um indivíduo único e singular, por aquilo que ela realmente viveu em nossa história, e ouvi essa pessoa é ter a impressão de que a história está sendo contada em um contínuo, “temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos” (ALBERTI, 2004: p. 14)

Durante o período da segunda metade do século XX, muitas mortes violentas aconteceram e ficaram na memória da comunidade de Oiticica, muitas delas anunciadas pela “Maldizença”, no entanto uma se apresenta muito nítida na memória da maioria dos entrevistados. Contam as memórias, que um senhor de nome Carlos Vieira era casado com uma jovem senhora e residia em uma fazenda local, próximo a residência da família de sua esposa, em um determinado momento esse homem passou a manter um relacionamento amoroso com sua cunhada, gerando um atrito em família e despertando um sentimento de raiva, sobretudo no sogro e na sogra que passaram a acreditar ter a honra da família manchada pela infidelidade do genro para com a filha, e ao mesmo tempo expondo a segunda filha à condição de amante, fato vergonhoso para a sociedade do período, em se tratando das moças de família, principalmente nas comunidades rurais em que os valores morais eram mais

arraigados. A morte foi a sentença dada por essa família a Carlos Vieira como forma de vingança pela traição, acreditando, desta feita, que a honra da família estaria “limpa” após a execução da sentença. Certo dia Carlos Vieira se dirigia até o centro do povoado e ao retornar a sua casa foi vítima de uma emboscada, encurralado e sem defesa, Carlos foi morto a golpes de foice e esquartejado em pequenos pedaços.

Uma versão reveladora para essa morte é a do Senhor Edson, atualmente com 79 anos, policial reformado que morou e trabalhou em Oiticica na década de 1970:

*Quando eu cheguei lá foi a primeira conversa que eu ouvi:
- Tenha cuidado que aqui matam gente é cortado de machado.
Antes de nós chegar lá, tinham matado um cara [...], o pai e os irmãos da mulher (esposa da vítima) [...]sei que mataro o miserave. lá nos mato, eles usam um pau pra lascar lenha com o machado num sabe? O povo faz fogo a lenha né. Sei que se juntaro, os irmãos da mulher com o pai aí os dois pegaro o cara, o cunhado, seguraram, que eram novo, e o véi foi cortano ele naquele pau de cortar lenha, começou pelas pernas, subiu pelas pernas, sei que cortaro ele todim[...] ele vei pra cá num saco de estopa rapaz.[...] o véi foi quem matou, os filhos seguraram e ele matou, e ele se maldizeno né, até chegar as pernas ele se maldizeno e aguentano aguentano, passou pros braços, cortano, até morrer. E ele vivo só gritano: ai, ai ,ai. Ai esse ai, ai, ai ainda existia quando nós chegamos lá, eu sai uma vez pra uma diligência aí minha mulher ficou, que morava lá também, ficou mais outra mulher né, aí disse: Chica o que é aquilo, já era quase onze horas da noite. Não dona Maria isso[...] é no espaço né, como se tivesse gritano assim: ai ai ai.*

As memórias diferem quanto ao motivo, no entanto são unânimes quanto a ligação dessa morte com a “Maldizença”, sendo que para o senhor Edson esses agouros se assemelham aos “ecos” do sofrimento desse homem ao gritar de dor no momento de sua morte.

A morte de Carlos Vieira seria apenas mais uma, das tantas ocorridas no sertão, se não fosse apontada pelas memórias como sendo a morte que, pela primeira vez, se ouviu os agouros da “Maldizença”. A partir de então uma parte considerável das mortes que se sucederam foram anunciadas pelo “Grito”, interferindo, mesmo que momentaneamente, no cotidiano da comunidade, uma vez que as pessoas ficavam apreensivas a espera de algum acontecimento que teria a morte como desfecho.

Nas palavras de Sr. Edson o sofrimento desse homem, os gritos e gemidos no momento de sua morte se assemelhavam aos agouros da “Maldizença” e ainda sugeriu que a

voz de Carlos Vieira era uma das vozes a compor essa legião de vozes que ecoavam na escuridão da noite lembrando seus próprios sofrimentos e anunciando o sofrimento alheio.

Dona Maria Faustino, atualmente com 68 anos, agricultora aposentada, natural de Oiticica, nos contou sua experiência em uma conversa agradável na presença de sua filha, na cozinha de sua casa. E para minha surpresa, bastou que perguntássemos seu nome completo e pedisse autorização para gravar a conversa, para que ela me falasse durante uma hora sobre sua história de vida. Ao ser indagado sobre a “Maldizença”, de imediato mudou o tom de voz demonstrando pavor em tocar no assunto, ao mesmo tempo em que recorda faz o sinal da cruz como que por garantia de que ao falar não voltasse a ouvir o que ouviu algum tempo atrás.

Certa noite, em meados da década de 1960, Dona Maria Faustino, que residia em Oiticica, como de costume, se aproximou da janela de sua casa, e ficou a escutar na esperança de ouvir o barulho dos cachorros que acompanhavam seu esposo, Senhor Oscar, quando este saía para caçar, ritual que se repetia periodicamente. Os cachorros, companheiros fiéis de seu esposo, sempre sinalizavam a chegada.

O fato é que nesse dia algo mudou a rotina de Dona Maria, ao escutar na penumbra da noite em silêncio, sua audição foi invadida por um grito de socorro e de sofrimento ao mesmo tempo, uma voz que logo em seguida foi acompanhada de outras vozes, que como em um coro, mesclavam gritos e choros, se lamentando, rogando aos santos e pedindo clemência a Deus. Tomada pelo medo ela abriu a janela de sua casa para perceber o que estava acontecendo e de onde vinham aquelas vozes de sofrimento, e para sua surpresa, ao abrir a janela, as vozes passaram ecoando o clamor como uma rajada de vento sobre sua casa. De imediato Dona Maria se dirigiu para porta da casa e voltou o pensamento para seu esposo:

- Meus Deus será alguma coisa que está acontecendo pras banda de cá? [...]valha meu Deus, minha Nossa Senhora, será que aconteceu alguma coisa com o Oscar? Meu Pai do céu o Senhor vai me concentrar e eu vou ter com que esperar ele chegar. (MARIA FAUSTINO, 2009)

Quando seu esposo retornou, com o coração mais sossegado, Dona Maria contou o que havia acontecido naquela noite:

Aí ele chegou :
- Oscar, hoje eu vi uma coisa tão feia que nunca vi, o choro que o povo sempre falava, vindo do lado de cá, Oscar mais é horrível.
Aí eu fui contar pra ele.

– Ave Maria tu viu neguinha?
 – Oscar é horrível, quem tem coração fica toda arrupiada, é choro, aquela maldizença, se valhe de Deus, valhei-me Nossa Senhora, e chora, assim como se tivesse sentindo uma dor, aquela dor bem coisada.[...].
 Ninguém vê nada. Só que quando ouvia essas coisas podia esperar choro, desgraça. (MARIA FAUSTINO, 2009)

A experiência vivenciada por Dona Maria é só mais uma das várias manifestações da “Maldizença” durante esse período, que influenciou na formação de um imaginário acerca da morte na comunidade de Oiticica. Quando este fato ocorria, mesmo sendo apenas através do som das vozes, causava temor em quem ouvia. Segundo as memórias esse medo se dava tanto no momento em que acontecia, pelo medo em que era tomada a pessoa que escutava, quanto posteriormente naqueles que ficavam sabendo do ocorrido.

Pensamos o imaginário como um sistema de ideias e imagens construídas pelos homens para dar sentido ao mundo, e que essas imagens não são coisas concretas, mas são frutos do ato de pensar a partir de um incentivo externo aos sentidos, “nessa medida, na construção imaginária do mundo, o imaginário é capaz de substituir-se ao real concreto como um seu outro lado, talvez ainda mais real, pois é por ele e nele que as pessoas conduzem a sua existência”.(PESAVENTO, 2008: p. 47-48)

Dona Maria nos indica que o que ouviu naquele dia não era algo desconhecido, pois ao contar o que acontecera para seu esposo se refere ao “Choro” que o povo falava, nos indicando que já fazia parte do imaginário de Oiticica como um mau presságio que anunciava a morte. Logo em seguida ela nos fornece outra informação importante, afirma que quando isso acontecia podia esperar choro e desgraça. Na compreensão dessas pessoas a palavra “desgraça”, como é empregada aqui, serve para designar a ruptura da vida de uma forma inesperada, sem que a pessoa possa ter uma noção da proximidade do fim.

No dia 31 de outubro do ano de 1989, a polícia militar é acionada e prende em flagrante o suspeito de um crime de morte na comunidade de Oiticica. O acusado, Antônio Márcio, matou a golpes de faca a vítima José Walter por motivos de vingança, agindo friamente sem que a vítima tivesse chance de defesa, como relata o delator no processo de acusação:

No dia 31 de outubro, à noite, a vítima se encontrava tomando uma cerveja na mercearia de José Antônio, quando o acriminado chega, portando uma faca enrolada na camisa. Logo ao sentar desembalhou a arma, a pôs na

cintura e a camisa colocou sobre os ombros. Nada de discussão. A vítima permaneceu como estava, sem dirigir-lhe qualquer palavra. Quando em dado momento, deu as costas para Antônio Marcio² esse aproximou-se de José Walter³, bateu em seus ombros e disse que o mesmo se preparasse para morrer e, ato contínuo já iniciou a sequência de agressões, de forma brutal e perversa.⁴

As testemunhas do crime são enfáticas ao reafirmarem a frieza com que o crime foi praticado e a má conduta do agressor no povoado.

Dona Francisca Carlos da Silva, 82 anos atualmente, conhecida por Dona Tica, afirma que o crime citado acima foi prenunciado pela “Maldizença” uma semana antes do acontecimento. E assim ela nos relata:

Agora ninguém ouve mais não, aquele povo chorando, conversando no meio do mundo. Eu num ouvi não, mas ouvi comentar né, mas é verdade[...] se maldizeno, aí meu Deus, ai meu Deus, assim todo tempo, a gente pensa que é uma pessoa, mas que é a Maldizença né, se chama Maldizença. [...] Diz que a pessoa se arrupeia. [...]. No dia que mataram o finado acolá, com poucos dias tinha acontecido a Maldizença. Um sobrinho meu que o cara matou de faca.

- Tica essa noite era uma Maldizença acolá na rua eu queria que tu visse.

Eu disse:

- Ave Maria num quero nem saber.

- Tica a gente se arrupia todinha...

Quando foi na outra semana mataram ele... (FRANCISCA CARLOS, 2009)

Como se pode perceber ela nunca ouviu os agouros da “Maldizença”, no entanto ela fala com muita convicção de como acontecia, as palavras pronunciadas, e o estado de medo em que se encontravam os que ouviam. E de uma forma mais específica esse crime e essa manifestação do “Choro” marcaram a vida de Dona Tica e se estabeleceram em sua memória como lembranças de sofrimento por se tratar da morte do seu sobrinho.

Em um estudo realizado por Otaviano Vieira Junior (2004), sobre a História da família no sertão do século XVIII e XIX, mais precisamente de 1780-1850, através de cartas de viajantes que percorreram as terras cearenses, podemos ter a dimensão das relações estabelecidas e das formas de se resolver os conflitos, passando bem a margem da lei. Apesar dos cem anos que separam essa temporalidade com o período estudado ainda se pode perceber

² Nome fictício.

³ Nome fictício.

⁴ Processo criminal nº 13.597, encontra-se no Fórum Dr. Francisco Holanda Frota em Ibaretama-Ce.

determinadas práticas nas relações de poder entre as famílias e das formas de se resolver os conflitos, sobretudo nas três primeiras décadas da segunda metade do século XX.

Esses momentos, vez por outra, quebravam a rotina de uma comunidade rural e católica que dedicava seus dias ao trabalho no campo e a devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. No mesmo sentido nutria as relações sociais que ainda mantinham resquícios de um Brasil coronelístico, ao mesmo tempo em que alimentavam esse imaginário sobre a morte, definindo as atitudes diante dos acontecimentos.

Câmara Cascudo fala da crença popular nas formas e limitações somáticas da morte que, assim como qualquer criatura viva, ao se deslocar provoca movimentos no ar, portanto ocuparia um lugar no espaço, o que explicaria outras crenças em relação aos indícios da passagem da morte por perto de uma pessoa, tais como estremelecimento súbito, arrepiamento do dorso, sensação rápida de frio, o estremelecimento da chama de uma vela etc, tudo isso, segundo este autor, pode ser interpretado como sinais da presença da morte. Para ele a crença estabeleceu um conceito popular sobre a personificação da morte diferente daqueles estabelecidos na Idade Média com figuras de esqueletos com foice etc, ao contrário, fixa “a ideia de uma conformação estável e que, mudando de lugar, determine um movimento perceptível no ambiente, impressionando o sistema nervoso dos entes humanos e de certos animais, cães, gatos, pássaros de agouro, dando a epiderme a crispação e o arrepio” (CASCUDO, 2009: p. 106).

No que se refere a Maldizença, acredita-se que são almas ou espíritos que retornaram em bandos, como em uma procissão, para atormentar os vivos, anunciando a morte, ou para pedir rezas e pagamentos de promessas. Principalmente pelas circunstâncias em que as mortes anunciadas aconteciam, violentas e sofridas, sem que o indivíduo tivesse tempo de se preparar para esse momento.

Em outros locais do Brasil também existem relatos de crenças em procissões noturnas das almas. A historiadora Sandra Nacy (2011), ao citar Leonardo Arroyo, fala sobre o imaginário popular de São Paulo que acreditava que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Embu, em determinadas noites era palco dos esqueletos dos padres jesuítas que levantam das sepulturas sob o altar-mor e desfilam até o cemitério para confabular com os outros mortos, e quando a noite se aproximava do fim os esqueletos em procissão retornavam para suas sepulturas na Igreja.

Fenômeno semelhante foi registrado pela mesma autora no imaginário popular da região do Cariri no Ceará, acreditava-se que durante a noite as almas se reuniam em procissão e saíam em cortejo pelas ruas, produzindo sons que ninguém entendia o que elas falavam. A autora faz referência ainda a resquícios semelhantes na Europa dos séculos XII e XIII, onde se ouviam sons não identificáveis que eram produzidos pelos espíritos. Ao citar Jean Claude Schmitt, Sandra Nancy afirma que: “os espíritos falam, mas com uma voz estranha de ventríloquos: uma fala do interior das vísceras e não com língua, como em um cântaro vazio” (BEZERRA,2011: p. 79)

No caso de Oiticica uma série de sentimentos e atitudes se confundiam diante da possibilidade da presença da morte e da forma utilizada por ela para se manifestar. Algo aterrorizador, que chegava para anunciar o mal, pois neste caso a morte era o mal, por trazer consigo o anúncio de uma situação de tensão que se abateria sobre a comunidade ou adjacências. Para uma melhor compreensão da angústia vejamos essa definição:

Reduzida ao plano psíquico, a angústia, fenômeno natural ao homem, motor de sua evolução, é positiva quando prevê ameaças que, por serem ainda imprecisas, nem por isso são menos reais. Estimula então a mobilização do ser. Mas uma apreensão demasiada prolongada pode também criar um estado de desorientação e de inadaptação, uma cegueira afetiva, uma proliferação perigosa do imaginário, desencadeando um mecanismo involutivo pela instalação de um clima interior de insegurança. (DELUMEAU, 2009: p. 34-35)

De fato, neste caso, essa mobilização que trazia em seu cerne a ideia de uma ameaça desencadeava um clima de insegurança, porém não era compreendido como algo positivo pela forma com que a angústia se apresentava, ou seja, através dos agouros da “Maldizença”, assim também como já se previa o tipo de ameaça que rondava a comunidade, portanto para essas pessoas a angústia e o medo se davam muito mais pelo desenrolar dos fatos.

Esse anúncio modificava o cotidiano daqueles que ouviam o temido “Choro” espalhando o medo e a angústia, e daí surgiam as indagações: o que estaria por acontecer? Quem estaria envolvido neste possível episódio envolto pela violência? Será da família, amigo, vizinho ou desconhecido? Já se pode imaginar a fragilidade em que algumas pessoas se encontravam nesta situação, pois o medo de perder a vida ou um ente querido, por morte natural e em maior escala pela violência, permeava a imaginação.

Falar da morte como algo que traz um fim para a vida é enveredar por um mundo desconhecido em que o medo em determinadas circunstâncias chega a ditar atitudes, costumes, crenças etc. entorno do desconhecimento do pós morte para aqueles que acreditam. Quando esse medo está associado a mortes violentas ele passa a ter uma dimensão bem maior, pois a violência em si gera tensão social, que já é uma situação de medo, juntando-se a isso todas as crenças, costumes e ritos que perpassaram pela história da humanidade de geração a geração sofrendo algumas modificações entorno das crenças. Se pensarmos no próprio termo, “Maldizença”, veremos que é carregado de um significado que alude a algo ruim, aquele que se mal diz, contrário de bem, nesse caso, aqueles que se maldizem, levando em conta que eram várias vozes que se lamentavam e anunciavam o mal que rondava a comunidade. As vozes ainda ecoam nas memórias como uma marca indelével do tempo por está intimamente associada a momentos de sofrimentos vividos no passado. Essas marcas, tatuadas pelo tempo nas memórias, perpassam todas as narrativas quando o assunto era as consequências do “Choro”, ou seja, a visita da morte é geralmente trágica.

Memórias

- Senhor Edson Queiroz, 76 anos, entrevista realizada em 23/07/2010 em Quixadá, Ceará.
- Francisca Carlos da Silva, 78 anos, entrevista realizada, em Oiticica, Ibaretama, Ceará, em 19 de maio de 2009.
- Maria Faustino da Silva, 64 anos, entrevista realizada em Oiticica, Ibaretama, Ceará, em 24 de julho de 2009.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARIÈS, Phillipe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro. Ediouro,

BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Oralidade, Memória e Tradição nas Narrativas de Assombrações na Região do Cariri**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará,. Fortaleza, 2011.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente. 1300-1800 Uma cidade sitiada;** tradução: Maria Lúcia Machado; tradução de notas: Heloisa Jahn. – São paulo: Companhia das Letras, 2009

ELIAS, Nibert. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SHOPENHAUER, Arthur. **Da morte, Metafísica do poder, Do sofrimento do mundo.** Editora Martin Claret Ltda. São Paulo.

VIEIRA JÚNIOR. Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: uma história da família no sertão (1780-1850).** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. HUCITEC, 2004.

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório ou o trabalho do luto.** Tradução, Aline Meyert e Roberto Cattani. – São Paulo: Editora UNESP, 2010.